

## DISCURSO DE MENDES BOTA NO XXXIII CONGRESSO NACIONAL DO PSD Carcavelos, 10 de Abril de 2010

Senhor Presidente da Mesa do Congresso,  
Senhor Presidente da Comissão Política Nacional e Presidente do PSD,  
Senhores Membros do Conselho de jurisdição Nacional,  
Caras Amigas, caros Amigos,

À força do abandono, já nem sabemos bem quem somos. Somos um país de desenraizados. Milhões que abandonaram as suas terras, em Trás-os-Montes, nas Beiras, no Alentejo, no Algarve, para viverem de certa maneira quase encurralados na Grande Lisboa.

Somos o país do paradoxo migratório. Saem portugueses às centenas de milhares em fuga do desemprego, a caminho da Suíça, da França, do Reino Unido, da Austrália, do Canadá, e entram centenas de milhares de cidadãos e cidadãs do leste, de África, da América do Sul. Todos desenraizados, para cá e para lá.

Perdemos as nossas referências, os nossos valores. A honestidade, como valor supremo. O respeito pelos outros e por nós mesmos. O valor do trabalho, da lealdade, da verdade, do sentido do serviço público, a solidariedade. Campeia a corrupção, o comissionismo, o banditismo, os mil e um tráficos, a ganância, o egoísmo, a trifulha, a trapaça, e os exemplos vêm do mais alto nível. Os exemplos vêm de cima. Somos um país sujo, de norte a sul, pelos grafitis dos pinta-paredes que não respeitam nada nem ninguém.

Somos um povo que também tem entre si quem se detesta, dividido entre esquerda e direita sem saber bem onde fica essa fronteira. Reina a descrença, a inveja de quem tem sucesso e mérito, odeia-se o sistema político, odeiam-se os políticos, odeiam-se as instituições, ninguém já acredita na Justiça, nem nas escolas, nem numa administração pública que exista para servir o público, nem numa justiça redistributiva dos rendimentos, descrê-se de tudo e de todos.

Todos teremos contribuído um pouco para este estado de coisas. Também temos as nossas culpas no cartório. Mas o contribuinte maior da desgraça em que Portugal mergulhou de borco nos últimos anos tem um nome, Partido dito Socialista, e tem um líder, chamado José Sócrates.

### **(Aplausos da assistência)**

É esta a pesada herança que lhe é deixada sobre os ombros, Pedro Passos Coelho. Um país cujos habitantes, à força de também se odiarem a si mesmos, ou se detestarem, estão fechando as portas do futuro. Não é possível construir nada sobre o ódio de si próprio, sobre o ódio dos seus, ou sobre o detestar do seu próprio país.

Mas é esse o consenso nacional destes dias da discórdia generalizada. Nas mesas dos cafés, nos locais de trabalho, nos pátios das escolas, nas manifestações de rua, nas bancadas da

Assembleia da República, nas páginas dos jornais, nos adros das igrejas, no desespero do abandono que leva portugueses a desfaldar bandeiras espanholas. Não há um sentimento positivo, ninguém pensa em construir nada. Todos detestam tudo. É a consciência nacional que está a desmoronar-se, porque em casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.

### **(Aplausos da assistência)**

É essa consciência nacional que urge recuperar, e só o PSD, consigo na liderança, poderá estar em condições de recuperar a esperança, a confiança, a auto-estima dos portugueses no seu país.

Você, Pedro Passos Coelho, está proibido de falhar. Falhar, não é uma opção. O país está à beira do colapso, a democracia está à beira do precipício, à distância de um clique que ninguém sabe qual poderá vir a ser.

Eu sou da geração de Abril, daquela geração que saiu para a rua faz no dia 25 deste mês 36 anos, andava você, Pedro Passos Coelho, em calção por terras de África. Eu fui daqueles que acreditaram, e ainda bem, porque temos hoje a democracia graças à revolução de Abril, mas que estamos tão desiludidos com aquilo que foi a deriva de tantas esperanças, de tantas promessas, em que hoje temos um país mais desequilibrado, um país onde a classe média está a desaparecer, um país onde existem graves injustiças. Não foi para isso que nós fizemos o 25 de Abril!

### **(Aplausos da assistência)**

E é por isso que lhe digo, Pedro Passos Coelho, que esta geração de Abril, que vamos ficando velhos, vamos vendo passar o tempo, embora a esperança que nos animou seja a última a morrer, mas você simboliza a geração dos anos 2000, é a geração do futuro, aquele que tem aí ao lado e muitos outros e outras dos que o acompanham, é essa gente que terá que ser o futuro deste País. É a geração dos anos 2000. É a geração da inovação, é a geração que tem que ter um novo arrojado para recuperar aquilo que é a consciência nacional que, infelizmente, as gerações de Abril também deixaram perder ao longo destes 36 anos.

Nós não podemos deixar a tarefa de recuperar a consciência nacional, o brio nacional, o orgulho nacional, entregue às contingências dos chutes na bola, no mês de Junho, lá na África do Sul. Isto é muito mais sério, é muito mais profundo.

### **(Aplausos da assistência)**

Mas queria dizer-lhe caro amigo Pedro, permita-me tratá-lo assim, queria dizer-lhe duas coisas, olhos nos olhos e com toda a lealdade. A primeira, tem a ver com os SINAIS. E você, desde que foi eleito, tem dado sinais seguros de maturidade política, de estabilidade, de bom senso. O partido precisava de alguém assim. O partido estava farto de divisões e de ódios internos. O partido precisava, de facto, de UNIDADE. E você fez a simbiose perfeita entre o apelo à unidade de Aguiar-Branco, a vontade de romper de Rangel, e a necessidade

de mudar que você próprio corporizou. É um COKTAIL EXPLOSIVO para acabar com pântano em que o país está.

**(Aplausos da assistência)**

Mas é preciso, meu caro Pedro, também compreender e interpretar o SINAL que o partido quis transmitir, ao conferir-lhe uma vitória tão expressiva e arrasadora. É que é preciso também cuidado com os excessos de unidade, porque onde há excessos, também trazem certos abcessos de que o partido está farto.

**(Aplausos da assistência)**

O partido também está farto de ver alapados ao poder, a qualquer líder, líder após líder, década após década, certos personagens do mundo obscuro dos interesses, que não valem um voto, mas gostam de estar sempre na primeira fila, qualquer que seja o líder deste partido.

**(Aplausos da assistência)**

Sei que você sabe quem são, e tenho confiança que você sabe distinguir.

A segunda nota que lhe queria dar, é a de que pareceu instalar-se muito rapidamente, rapidamente demais para o meu gosto, um certo EXCESSO DE CONFIANÇA, uma confiança de que isto já está ganho, uma convicção de que “já cheira a poder”, perigosa e enganadora. Nada de mais errado. Nada está ganho. O mais fácil está feito. Que foi chegar aqui. Foi você chegar onde está hoje. Há um mês, nós tivemos o Congresso da Rolha. Espero que este não seja entendido como o CONGRESSO DO COMBÓIO do Poder, dada a proximidade a que estamos da linha. Porque se já temos maquinista, a máquina ainda é a vapor e estamos muito longe do TGV.

**(Aplausos da assistência)**

Está quase tudo por fazer. Preparar o partido para os desafios do futuro. Fazer a reforma interna. Romper as nossas quatro paredes, mobilizar os valores mais notáveis e competentes da sociedade, para nos ajudar a construir um caminho alternativo para Portugal que o tire da linha descendente em que está. Construir uma ALTERNATIVA DAS IDEIAS.

E as ideias fazem-se com pessoas válidas, com pessoas competentes. E não são apenas as que estão cá dentro. São aquelas que estão lá fora. É essa ponte que você tem a responsabilidade de estabelecer com a sociedade portuguesa. E, se o fizer, nós teremos futuro neste país!

**(Aplausos da assistência)**

Não me satisfaço apenas com a moção de estratégia que aqui está. Isto é apenas o começo. É o princípio! Há muito trabalho pela frente. Eu quero muito mais, quero muito melhor, muito mais surpreendente. Quero novas soluções e não velhas receitas.

Permita-me que lhe diga que há aqui nesta moção uma OMISSÃO, da qual até não sei se não terei responsabilidade. Porque me lembro de lhe ter falado, de ter oferecido os meus préstimos, mas depois fui ultrapassado pela comissão de redacção, e não tive oportunidade. Mas, meu caro amigo Pedro, sei que não é da sua vontade, e sei que a sua prática vai provar que nós estamos no bom caminho.

É que não há uma única palavra sobre os direitos das MULHERES, sobre a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens.

**(Aplausos da assistência)**

Não há uma palavra sobre a política de FAMÍLIA, que penso que o PSD não se deve ficar pela rejeição dos casamentos homossexuais. Temos a responsabilidade de ir mais além. De defender os valores familiares, a instituição básica da nossa sociedade, de querer um futuro melhor para os nossos filhos. Queremos ter, de facto, uma política de Família a oferecer a Portugal!

**(Aplausos da assistência)**

Defender um maior papel para as mulheres na sociedade moderna, é falar da própria qualidade da democracia. Nós falamos de tudo nesta moção. Falamos das novas tecnologias, dos incentivos às empresas, dos sistemas de segurança social, das ideias para a Saúde, da maneira de tirar proveito do cluster do Mar. Há excelentes ideias, algumas delas até, ousadas, arrojadas, e que me surpreenderam!

Mas não podemos ficar indiferentes à verdadeira guerra civil que representa a violência que se abate todos os dias sobre as mulheres e as crianças do nosso país? Temos que empoderar as mulheres, lutar contra os estereótipos sexistas dos media, e por aí fora.

Porque, hoje, a verdadeira fronteira que se estabelece, é entre aqueles que se preocupam com o tratamento que é dado às nossas mulheres, às nossas irmãs, às nossas filhas, às nossas companheiras de trabalho, às nossas amigas, e aqueles que não se importam. Aqueles que não olham para os jornais, que não vêm os assassinatos, que não vêm as violações.

Eu diria que, essa fronteira, é entre aqueles que têm consciência e aqueles que não têm consciência. Eu diria também que, tal como aqui há muitos anos, havia uma canção dos Beatles, chamada "Together", é também juntos, homens e mulheres, que nós temos que construir um mundo melhor, uma sociedade mais justa, e com maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres!

**(Aplausos da assistência)**

Ao vê-lo aí, jovial, fresco, resplandecente de confiança e de felicidade, contagiante, a iluminar o caminho das trevas em que a vida dos portugueses se transformou, estou como essa canção da moda, também, de todas as nossas esperanças. I'VE GOTTA FEELING de que acertámos na sua escolha. E eu desejo, ardentemente, que nós não estejamos enganados.

Porque você é um militante com história no partido, mas ainda tem muito a dar para o futuro deste partido!

### **(Aplausos da assistência)**

Você é alguém que chega aqui, que vem ligado ao mundo real, ao mundo do trabalho. Você sabe o que é a burocracia, você sabe as dificuldades dos empreendedores, dos investidores, você sabe o que custa manter postos de trabalho. Nós precisamos, na política, de gente que vem desse lado, não precisamos aqui de gente que mistura negócios com política. Precisamos de gente esclarecida como você.

Efectivamente, nós precisamos de gente com ideias. E eu, que tive algumas conversas consigo, quero-lhe confessar: você saiu melhor do que a encomenda! Eu não esperava que, de facto, manifestasse uma maturidade tão grande. E, aliás, nestes dias em que estive à frente da liderança, não se deixou cair nas cascas de banana, que às vezes os jornalistas lhe colocam, para o pôr em contraponto, ou com a líder que saiu, ou com o homem que está em Belém.

Você não se deixa cair, tem maturidade, é jovem, é uma pessoa que tem essa jovialidade, mas é uma pessoa muito madura. Eu queria dizer-lhe que nós precisamos, de facto, de renovação. E você, fez a renovação sem espírito de exclusão, e sem espírito de perseguição. Você não fez aos outros aquilo que lhe fizeram a si, e isso é a melhor maneira de “caracterizar um carácter” de um verdadeiro líder.

### **(Aplausos da assistência)**

O país precisa de um Primeiro Ministro determinado, com ideias novas para combater a crise e a pobreza e revitalizar a economia, mas que transmita essa imagem positiva, que inspira a felicidade e a confiança a quem o ouve e a quem o segue. O país não precisa de um Primeiro Ministro permanentemente crispado, zangado com os portugueses.

O país precisa de alguém que o inspire. E você inspira confiança, você inspira esperança. Eu tenho muita esperança que este país e este partido tenham um futuro consigo à frente.

E quero-lhe dizer. Em Mafra, estive ao seu lado, na primeira fila. E hoje, aqui, continuo a estar ao seu lado, mas além, junto às bases, de onde, aliás, nunca cheguei a sair!

### **(Aplausos da assistência)**

